

Convergências técnicas, divergências espaciais: uma leitura entre os diálogos entre Agricultura Regenerativa e Agroecologia

Technical convergences, spatial divergences: a reading of the dialogues between Regenerative Agriculture and Agroecology

Convergencias técnicas, divergencias espaciales: una lectura entre los diálogos entre Agricultura Regenerativa y Agroecología

Thiago Costa Ferreira¹

¹ Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais da Universidade Federal de Campina Grande. Doutor em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Patos, Brasil. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-2368-6223>, e-mail: professor.thiagoferreira1@gmail.com

Recebido em: 14 nov 2025 - Aceito em: 28 dez 2025 – Publicado em: 01 abr 2026

Resumo

Este ensaio teórico-analítico realiza uma leitura geográfica dos fundamentos, das convergências e das distinções entre a Agricultura Regenerativa (AR) e a Agroecologia (AE). Partindo do pressuposto de que modelos agrícolas produzem diferentes territorialidades, o estudo baseia-se em uma revisão integrativa de literatura nacional e internacional (2012-2024). A análise de 54 publicações, articulada aos referenciais da literatura agrária, revela que, enquanto as abordagens convergem em práticas técnicas de manejo sustentável, divergem radicalmente em seus projetos espaciais e territoriais. A AR, com sua governança frequentemente corporativa e foco na eficiência ecológica da propriedade rural, tende a se inserir na lógica espacial do agronegócio. A AE, por sua vez, conforma territórios de resistência ao integrar dimensões políticas e culturais, fortalecendo a agricultura familiar, os circuitos curtos de comercialização e a soberania alimentar. Conclui-se que o diálogo entre essas abordagens esbarra em conflitos de territorialidade, representando não apenas escolhas técnicas, mas projetos distintos para a organização do espaço agrário.

Palavras-chave: Território, Agricultura familiar, Movimentos sociais, Questão agrária.

Abstract

This theoretical-analytical essay offers a geographical reading of the foundations, convergences, and distinctions between Regenerative Agriculture (RA) and Agroecology (AE). Based on the premise that agricultural models produce different territorialities, the study relies on an integrative review of national and international literature (2012–2024). The analysis of 54 publications, articulated with references from Agrarian Literature, reveals that while both approaches converge in technical practices of sustainable management, they radically diverge in their spatial and territorial projects. RA, with its often corporate governance and focus on the ecological efficiency of the farm unit, tends to align with the spatial logic of agribusiness. AE, on the other hand, shapes territories of resistance by integrating political and cultural dimensions, strengthening family farming, short food supply chains, and food sovereignty. It is concluded that the dialogue between these approaches encounters conflicts of territoriality, representing not merely technical choices but distinct projects for the organization of agrarian space.

Keywords: Territory, Family farming, Social movements, Agrarian question.

Resumen

Este ensayo teórico-analítico realiza una lectura geográfica de los fundamentos, convergencias y distinciones entre la Agricultura Regenerativa (AR) y la Agroecología (AE). Partiendo del supuesto de que los modelos agrícolas producen diferentes territorialidades, el estudio se basa en una revisión integrativa de la literatura nacional e internacional (2012–2024). El análisis de 54 publicaciones, articulado con los referentes de la Literatura Agraria, revela que, aunque las dos aproximaciones convergen en las prácticas técnicas de manejo sostenible, divergen radicalmente en sus proyectos espaciales y territoriales. La AR, con su gobernanza frecuentemente corporativa y su enfoque en la eficiencia ecológica de la unidad productiva, tiende a insertarse en la lógica espacial del agronegocio. La AE, por su parte, conforma territorios de resistencia al integrar dimensiones políticas y culturales, fortaleciendo la agricultura familiar, los circuitos cortos de comercialización y la soberanía alimentaria. Se concluye que el diálogo entre estas aproximaciones tropieza con conflictos de territorialidad, representando no solo opciones técnicas, sino proyectos distintos para la organización del espacio agrario.

Palabras-clave: Territorio, Agricultura familiar, Movimientos sociales, Cuestión agraria.

INTRODUÇÃO

A modernização da agricultura permitiu alcançar altos índices produtivos, mas não resolveu questões relacionadas à segurança alimentar e nutricional de muitas populações (Finatto; Zeneratti, 2020). Alguns autores são claros ao descrever uma ocorrente crise dos sistemas alimentares tradicionais ao passo em que são substituídos pelos métodos de produção contemporâneos (Scarborough *et al.*, 2023).

Seus fatores ainda são agravados pelas correntes mudanças climáticas e questões sociais. Com todas estas indagações, tem sido construído um ideário que tem impulsionado o desenvolvimento de abordagens agrícolas alternativas que valorizem a cadeia de produção e a sustentabilidade (Almeida; Moreno, 2024). Entre estas, destacam-se a Agricultura Regenerativa (Giller *et al.*, 2021) e a Agroecologia (Kerr *et al.*, 2021), que, apesar de compartilharem preocupações com a sustentabilidade, apresentam fundamentos e ênfases distintas (Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023; Scarborough *et al.*, 2023).

Do ponto de vista da Geografia Agrária, essa crise não se restringe à esfera produtiva, mas também se reflete em profundas transformações no uso e na organização do território (Scarborough *et al.*, 2023). O avanço de um modelo de agricultura convencional, com seus pacotes tecnológicos aliados a um capital empregado, tem configurado uma nova proposta de (re)composição da paisagem, provocando a reconfiguração das paisagens rurais e gerado conflitos fundiários. (Almeida; Moreno, 2024).

Outrossim, consolida-se ainda um padrão de ocupação do espaço que frequentemente marginaliza sistemas alimentares locais e tradicionais. É neste contexto de disputa por modelos de desenvolvimento rural que as abordagens alternativas de agricultura ganham relevância, representando não apenas diferentes conjuntos de práticas, mas também projetos territoriais distintos para o campo brasileiro (Rempelos, Kabourakis; Leifert, 2023; Scarborough *et al.*, 2023).

A Agricultura Regenerativa (AR) emerge como uma abordagem inovadora, fundamentada em princípios ecológicos, que busca não apenas a produção de alimentos,

mas também a revitalização das condições ambientais (Scarborough *et al.*, 2023). Reconhecendo suas limitações na restauração completa de ecossistemas, a AR concentra-se na melhoria da qualidade de vida das populações humanas e na saúde do ecossistema (Giller *et al.*, 2021). Metodologias agrícolas que incorporam práticas regenerativas são essenciais nesse contexto produtivo atual, visando à redução do uso de agroquímicos e à promoção de uma produção sustentável em relação ao uso dos recursos naturais, principalmente o solo, a energia e a água (Giller *et al.*, 2021; Scarborough *et al.*, 2023).

A reorganização da cadeia de produção alimentar por meio de práticas de AR envolve a adoção de métodos de cultivo como a rotação de culturas, o uso de adubos orgânicos e a implantação de técnicas de conservação do solo. Essas estratégias visam criar sistemas agrícolas resilientes e de baixo impacto ambiental, aproximando-se de uma abordagem sustentável (Scarborough *et al.*, 2023).

Paralelamente, a AR enfrenta desafios como a conscientização sobre o uso de pesticidas, impulsionada pela demanda crescente de consumidores por alimentos mais seguros. A reflexão sobre o papel ecológico da agricultura é evidente, pressionando para a transição para práticas mais regenerativas (Giller *et al.*, 2021; Rempelos, Kabourakis; Leifert, 2023; Scarborough *et al.*, 2023).

A abordagem em AR é complementada por ações em agriculturas de base ecológica ligadas à Agroecologia, que se apresentam como uma proposta holística e sustentável para as práticas agrícolas. Buscando equidade social e uma produção mais equilibrada, a Agroecologia destaca a importância da diversidade no ambiente agrícola, promovendo a saúde do solo e a biodiversidade (Giller *et al.*, 2021).

Ainda, a Agroecologia engloba diversas modalidades de agricultura. Cada uma dessas modalidades apresenta abordagens específicas, como o uso de insumos naturais, a valorização de práticas sustentáveis na agricultura e a interligação com fatores ambientais e sociais (Kerr *et al.*, 2021).

Embora frequentemente analisadas por suas contribuições ambientais, a Agricultura Regenerativa e a Agroecologia carecem de uma leitura que evidencie suas implicações

espaciais (Giller *et al.*, 2021). Este artigo parte da premissa de que, para além das convergências técnicas, estas abordagens produzem divergências espaciais fundamentais. Enquanto a primeira é frequentemente incorporada por atores hegemônicos em busca de uma modernização ecológica que mantém a lógica de escala do agronegócio, a segunda emerge dos movimentos sociais como um instrumento de construção de territórios de resistência e de reforço à agricultura familiar (Giller *et al.*, 2021; Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023; Scarborough *et al.*, 2023). Analisar este contraste é central para compreender os rumos da questão agrária contemporânea (Kerr *et al.*, 2021).

Neste estudo serão analisados os pontos de convergência e divergência entre a agricultura regenerativa e a Agroecologia, reforçando a importância de uma abordagem sustentável para a produção de alimentos, considerando os desafios climáticos e sociais enfrentados pela sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

Este ensaio teórico-analítico adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, realizando uma revisão integrativa da literatura científica nacional e internacional publicada entre 2012 e 2024, com o objetivo de comparar a Agricultura Regenerativa (AR) e a Agroecologia (AE) para além das práticas técnicas, explorando seus fundamentos, métodos e, sobretudo, suas implicações socioterritoriais. A busca bibliográfica foi conduzida nas bases *Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*, utilizando descritores como “agricultura regenerativa”, “agroecologia” e “território”, resultando na seleção final de 54 publicações que dialogam com os referenciais da Geografia Agrária.

A análise foi estruturada em três eixos inter-relacionados: (1) fundamentos teóricos, no qual se observa que a AR se ancora em uma “racionalização ecológica” do território produtivo (Sands *et al.*, 2023), enquanto a AE se constitui como um “projeto explícito de construção de territorialidades contra-hegemônicas” (Kerr *et al.*, 2021); (2) métodos e práticas, campo de convergência técnica, mas nos quais persistem divergências quanto à intensidade e à exclusão de insumos sintéticos; e (3) dimensão socioterritorial, na qual a divergência se radicaliza: a AR, com sua “governança frequentemente corporativa” (Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023), tende a se inserir na lógica espacial do

agronegócio, ao passo que a AE “conforma territórios de resistência” ao integrar dimensões políticas e culturais e fortalecer a agricultura familiar (Almeida; Moreno, 2024). A síntese dessa análise comparativa, organizada em quadros analíticos, evidencia que o diálogo entre essas abordagens esbarra em conflitos de territorialidade, representando projetos distintos para a organização do espaço agrário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Agricultura Regenerativa: Racionalização ecológica e a produção de uma nova paisagem capitalista

A Agricultura Regenerativa (AR) emerge como uma resposta técnica e gerencial à crise socioambiental do modelo agrícola convencional. Seu fundamento central é a regeneração da capacidade produtiva e ecológica dos agroecossistemas, visando recuperar a saúde do solo, a biodiversidade funcional e os ciclos hidrológicos (Giller *et al.*, 2021). No entanto, sua gênese e difusão estão frequentemente associadas a atores hegemônicos do agronegócio, como grandes corporações e mercados globais, que buscam uma "modernização ecológica" do sistema (Sands *et al.*, 2023; Aguilar, 2024).

Do ponto de vista das práticas, a AR promove um conjunto de técnicas que convergem com os princípios da Agroecologia: rotação e diversificação de culturas, redução ou eliminação do revolvimento do solo, uso de adubos orgânicos, integração lavoura-pecuária-floresta e estímulo à atividade microbiana (Rempelos *et al.*, 2021). O objetivo declarado é criar sistemas resilientes e de baixo impacto, melhorando a qualidade de vida das populações e a saúde do ecossistema (Scarborough *et al.*, 2023).

Contudo, essa convergência técnica esbarra em um limite fundamental: a AR opera predominantemente pela lógica da eficiência e da certificação, buscando otimizar a produtividade e a rentabilidade da unidade de produção sem necessariamente romper com insumos sintéticos ou transgênicos (Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023). O foco é a "racionalização ecológica" do processo produtivo, no qual o solo se torna um "ativo" ou "capital natural" a ser gerido de forma sustentável para garantir o negócio a longo prazo (Sands *et al.*, 2023).

É na dimensão territorial que a especificidade da AR se evidencia. Sua escala de atuação privilegiada é a propriedade rural empresarial inserida em cadeias globais de valor (Seymour; Connelly, 2022; Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023). A governança é tipicamente corporativa e verticalizada, com decisões tomadas com base em critérios de mercado, padrões de certificação e demandas de consumidores distantes (Aguilar, 2024). Consequentemente, a AR não questiona a estrutura fundiária concentrada nem a lógica espacial do agronegócio. Pelo contrário, ao aumentar a rentabilidade e a resiliência da grande propriedade, pode acabar por reforçar a concentração e o controle corporativo do território (Rempelos; Kabourakis; Leifert, 2023).

A paisagem resultante deste modelo é, portanto, uma paisagem de eficiência ecológica capitalista. Pode ser mais diversificada e complexa do que a da monocultura convencional, mas permanece subordinada a uma lógica de homogeneidade produtiva, controle técnico e inserção global (Gosnell; Gill; Voyeur, 2019). A AR, assim, representa menos uma ruptura e mais uma adaptação interna do capitalismo agrário às pressões ambientais e de consumo, produzindo uma nova territorialidade que atualiza, sob uma roupagem verde, a dominação do espaço pelo agronegócio.

Agroecologia: A construção de territórios de resistência e a reconfiguração sociopolítica da paisagem

A Agroecologia (AE) configura-se como um paradigma radicalmente distinto da Agricultura Regenerativa, não se limitando a um conjunto de técnicas, mas constituindo-se como um projeto político e socioterritorial explícito. Emergindo das lutas dos movimentos sociais do campo, da agricultura familiar e dos povos tradicionais, a AE se define como uma crítica estrutural ao agronegócio e um instrumento para a elaboração de alternativas (Kerr *et al.*, 2021; Almeida; Moreno, 2024).

Sua base epistemológica rejeita a dissociação entre sociedade e natureza, integrando, de forma indivisível, as dimensões ecológica, social, cultural, política e econômica. A AE contesta o crescimento desenfreado inerente ao desenvolvimento hegemônico (Candioto, 2023), propondo uma racionalidade fundada na equidade, na cooperação e na justiça. Seu objetivo final é a construção de ambientes de resistência (Almeida;

Moreno, 2024), espaços nos quais se materializam a autonomia, os modos de vida camponeses e as relações sociais não subordinadas exclusivamente ao mercado.

No plano técnico-prático, a AE converge com a AR na promoção da saúde do solo, da biodiversidade e da resiliência dos agroecossistemas. No entanto, opera a partir de princípios de exclusão e precaução mais rigorosos e não negociáveis. Rejeita integralmente o uso de agrotóxicos sintéticos, de fertilizantes químicos de alta solubilidade e de organismos geneticamente modificados (Candioto, 2023). Seu manejo baseia-se na complexificação dos sistemas (policultivos, agroflorestas), na reciclagem de nutrientes e no controle biológico. O conhecimento que valoriza e produz é o saber tradicional, local e contextualizado, em diálogo com a ciência, mas opondo-se aos pacotes tecnológicos universais (Vitoria; Vale, 2023).

É na dimensão socioterritorial em que a divergência com a AR se torna intransponível. A escala fundamental da AE é o território comunitário, espaço de reprodução social, cultural e econômica, articulada por meio de circuitos curtos de comercialização e de solidariedade (Maciel; Troian; De Oliveira, 2024; Martins *et al.*, 2024). A governança é comunitária, coletiva e militante, protagonizada por agricultores familiares e seus movimentos, em uma estrutura horizontal e participativa (Almeida; Moreno, 2024). Diferentemente da AR, que opera dentro da estrutura fundiária concentrada, a AE a confronta diretamente, vinculando a transição ecológica à luta pela terra, à reforma agrária e à redistribuição radical do poder sobre o território (Kerr *et al.*, 2023).

A paisagem resultante é, portanto, uma paisagem de resistência, diversidade e multifuncionalidade. Ela é intrinsecamente policultural, heterogênea e integrada à matriz ecológica local, espelhando a autonomia e os valores das comunidades que a constroem (Jeanneret *et al.*, 2021). Essa paisagem materializa o princípio da soberania alimentar, em que o controle sobre os recursos (sementes, solo, água), os processos produtivos e os canais de consumo é exercido localmente, desafiando a lógica corporativa e globalizada do sistema alimentar hegemônico. A AE, assim, se afirma não como uma alternativa técnica, mas como um projeto contra-hegemônico de reconfiguração sociopolítica do espaço agrário, colocando a reprodução da vida no centro da organização do território.

Assim sendo, diversas práticas agrícolas alternativas coexistem sob o guarda-chuva conceitual da Agroecologia, conforme reconhecido e fomentado pela Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Esta política integra essas diferentes correntes quando elas se alinham aos princípios de produção saudável, conservação ambiental e justiça social (Brasil, 2012).

A agricultura orgânica, por exemplo, baseia-se na substituição de insumos sintéticos por naturais e exige certificação, podendo ser adotada inclusive em larga escala (Ribeiro, Sieber; Cheveleve, 2024). Já a vertente natural, frequentemente associada a movimentos religiosos, valoriza a recuperação do solo por meio de técnicas como o plantio direto e a compostagem vegetal, promovendo uma alimentação "pura" como forma de contestação ao modelo convencional (Castro; Marinho, 2020; Mendes; Demattê Filho; Gameiro, 2024).

A agricultura biodinâmica incorpora a influência do cosmos e utiliza preparados homeopáticos, buscando um equilíbrio holístico na propriedade (Leite; Polli, 2020; Hidalgo; Dalmoro; Monticelli, 2023). A agricultura ecológica coloca a saúde do solo, considerado um ser "vivo", no centro do manejo, rejeitando insumos sintéticos e defendendo o princípio da trofobiose para evitar desequilíbrios (Vitoria; Do Vale, 2023).

Por fim, sistemas integrados, como a permacultura e a agrofloresta, desenham paisagens produtivas que mimetizam a floresta, combinando cultivos, árvores e animais em múltiplas camadas, com forte ênfase no bem-estar comunitário e na sucessão ecológica (Costa *et al.*, 2021; Souza, 2022). A PNAPO fornece o marco político que unifica essas diversas expressões no âmbito do projeto maior de construção de territórios agroecológicos (Brasil, 2012).

Síntese geográfica: A disputa territorial entre dois modelos de ocupação do espaço agrário

De fato, as perspectivas produtivas da AR podem ser ancoradas nas condições de produção em Agroecologia sem maiores problemas. No entanto, para a AR, a agropecuária ainda visaria mais o contexto econômico, tendo ainda este ponto de discussão, segundo Seymour e Connelly (2022), Gosnell, Gill e Voyeur (2019) e Sands

et al. (2023). Para melhor esclarecer estes processos, a seguir, na Tabela 1, são descritos os componentes semelhantes e diferentes entre a Agricultura Regenerativa e a Agroecologia, com base em Seymour e Connelly (2022), Gosnell, Gill e Voyeur (2019) e Sands *et al.* (2023) para a AR, e em Dittmer *et al.* (2023), Geck, Crossland e Lamanna (2023) e Kerr *et al.* (2023) para a Agroecologia.

Tabela 1. Dimensão analítica comparada: Agricultura Regenerativa e Agroecologia

DIMENSÃO ANALÍTICA	AGRICULTURA REGENERATIVA (AR)	AGROECOLOGIA (AE)
Origem e base epistemológica	Inovação frente à utilização de meios e processos mais ecológicos e sustentáveis	Movimentos sociais de organização da política rural em meio às possibilidades e necessidades regionais
Objetivo central	Ambiente como sistema produtivo	Território de relações produtivas e ecológicas
Relação com o capitalismo	Baseado na exploração dos recursos naturais	Questiona a sociedade, a divisão do trabalho e o uso dos recursos naturais
Conhecimento valorizado	Protocolos padronizados, testados em contextos externos aos ambientes de produção	Saberes tradicionais, conhecimento local e empíricos do território

Embora a Tabela 1 aponte diferenças conceituais significativas, na prática, observa-se uma considerável sobreposição, segundo afirma Souza (2022). O desafio reside na aplicação desses princípios em contextos de agricultura em larga escala, em que a Agricultura Regenerativa tem demonstrado maior penetração, ainda comercial, enquanto a Agroecologia mantém vínculos mais estreitos com a agricultura familiar e com movimentos sociais, segundo Costa *et al.* (2021).

Na Tabela 2 evidencia-se que a divergência fundamental entre AR e AE não é técnica, mas geopolítica. Enquanto a AR opera por uma modernização ecológica do *status quo* territorial, a AE propõe uma reconfiguração sociopolítica do espaço agrário (Hidalgo, Dalmoro; Monticelli, 2023). A primeira produz uma paisagem de eficiência dentro do paradigma do agronegócio; a segunda, uma paisagem de resistência que materializa projetos de vida camponesa (Mendes, Demattê Filho; Gameiro, 2024). Desta forma, o diálogo entre essas abordagens esbarra em conflitos de territorialidade, representando projetos antagônicos para o futuro das áreas de produção agrícola que velam pela sustentabilidade produtiva, conforme Dittmer *et al.* (2023), Geck, Crossland e Lamanna (2023) e Kerr *et al.* (2023).

Tabela 2. Dimensão produtiva: Agricultura Regenerativa e Agroecologia

PRÁTICA / INSUMO	AGRICULTURA REGENERATIVA (AR)	AGROECOLOGIA (AE)
Manejo do solo	Ênfase na regeneração da saúde do solo como ativo produtivo	Ênfase na vida do solo como fundamento ecológico
Fertilizantes sintéticos	Redução do uso, não o abandono	Sem utilização de fertilizantes sintéticos
Agrotóxicos sintéticos	Redução do uso, não o abandono	Sem utilização de agrotóxicos sintéticos
Organismos Geneticamente Modificados (OGMs)	Possibilidade real do uso, não o abandono	Sem utilização de OGM
Biodiversidade	Diversidade funcional, econômica	Diversidade real, local e adaptada
Integração animal	Planejada	Integração produtiva

A divergência central sócio-política, entre estas, está descrita como: para AR, com uma governança guiada a uma produção específica, ligada ao agronegócio, otimizando a propriedade rural para mercados globais (Rempelos, Kabourakis; Leifert, 2023). Neste sentido, contrariando a mesma, a AE promove uma governança comunitária que fortalece a agricultura familiar e os circuitos curtos (Almeida; Moreno, 2024), vinculando justiça social e soberania alimentar à organização do espaço (Kerr *et al.*, 2023). Estes fatores estão esclarecidos na Tabela 3.

Tabela 3. Dimensão social: Agricultura Regenerativa e Agroecologia

DIMENSÃO ANALÍTICA	AGRICULTURA REGENERATIVA (AR)	AGROECOLOGIA (AE)
Lógica espacial e produção da paisagem	Racionalização produtiva	Paisagens construídas por meio das relações ecológicas e sociais
Escala de atuação privilegiada	Propriedade privada	Território comunitário e circuitos curtos/locais/regionais
Atores e governança	Governança corporativa e privada	Governança comunitária, coletiva e militante
Inserção na questão agrária	Estrutura fundiária concentrada	Enfrenta a estrutura fundiária concentrada, propondo uma reforma agrária de base ecológica
Conceito-chave de organização	Sustentabilidade como eficiência e certificação	Soberania alimentar e autonomia territorial. Controle comunitário sobre os recursos, sementes, produção e consumo (Kerr <i>et al.</i> , 2021; Almeida; Moreno, 2024).
Relacionamento com o colonialismo	Colonialista	Decolonialista, social, igualitária.

CONCLUSÕES

A análise comparativa, sob a ótica da Geografia Agrária, demonstra que a Agricultura Regenerativa (AR) e a Agroecologia (AE) representam muito mais do que abordagens

complementares; elas encarnam projetos territoriais distintos e, por vezes, antagônicos no campo brasileiro. A AR configura-se como uma estratégia de racionalização ecológica do território hegemônico, ancorada na propriedade rural empresarial e na governança corporativa. Busca restaurar a funcionalidade ecológica, mas sem desconstruir a lógica espacial do agronegócio nem a estrutura fundiária concentrada.

A Agroecologia, em contraste, afirma-se como um projeto explícito de construção de territorialidades de resistência. Ela amplia a perspectiva ao integrar dimensões políticas e culturais indissociáveis da organização do espaço, promovendo a autonomia dos agricultores e fortalecendo a governança comunitária do território. A divergência fundamental, portanto, não é apenas técnica ou filosófica, mas também espacial: enquanto a AR otimiza a paisagem produtiva existente, a AE produz paisagens diversificadas e multifuncionais que materializam a soberania alimentar e a justiça social.

Dessa forma, a articulação prática entre AR e AE esbarra em conflitos profundos de territorialidade. A verdadeira contribuição para a consolidação de modelos regenerativos no Brasil dependerá do reconhecimento de que esta não é uma mera escolha técnica, mas uma opção política sobre a qual se deseja construir a geografia do campo: uma de eficiência dentro dos marcos hegemônicos ou uma de emancipação e diversidade sociocultural.

Por fim, este ensaio reforça a necessidade de investigações futuras que aprofundem os impactos territoriais dessas abordagens em diferentes biomas e contextos socioprodutivos, analisando criticamente como elas, de fato, reconfiguram o espaço agrário.

AGRADECIMENTO

Termo de Outorga n.º 235/2025, emitido em 01/03/2025, Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB).

Copyright (©) 2026 - Thiago Costa Ferreira

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Giselle Cristina Santos de. **Possibilidades de transformação do sistema agroalimentar: agroecologia e agricultura regenerativa**. 2024. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ALMEIDA, Fernando Freitas; MORENO, Luís. Da agroecologia da cesta a agroecologia do cabaz: a territorialização da comunidade que sustenta agricultura (CSA) no Brasil e em Portugal. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024.
- BRASIL. **Decreto n.º 7.794, de 20 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 ago. 2012. Seção 1, p. 4. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm. Acesso em: 23 dez. 2025.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Refletindo sobre o conceito de agricultura orgânica. **Geografia em Questão**, v. 16, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.48075/geoq.v16i02.30679>
- CASTRO, Janaina Josias; MARINHO, Thais Alves. Agricultura e alimentação orgânica natural na Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB)/Johrei Center Extensão Goiânia. **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 2, 2020.
- COSTA, Glenda Barbosa *et al.* Reflexões sobre a permacultura no Amazonas: uma abordagem a partir da experiência do Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA). **Terceira Margem Amazônia**, v. 7, n. 17, p. 207-223, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36882/2525-4812.2021v7i17.p207-223>.
- DITTMER, Kyle M. *et al.* Agroecology can promote climate change adaptation outcomes without compromising yield in smallholder systems. **Environmental Management**, v. 72, n. 2, p. 333-342, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00267-023-01816-x>.
- FINATTO, Roberto Antonio; ZENERATTI, Fábio Luiz. Trabalho de campo em geografia agrária: produzindo conhecimentos sobre campesinato, cooperativismo e agroecologia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 548-569, 2020.
- GECK, Matthias S.; CROSSLAND, Mary; LAMANNA, Christine. Measuring agroecology and its performance: an overview and critical discussion of existing tools and approaches. **Outlook on Agriculture**, v. 52, n. 3, p. 349-359, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/00307270231196309>.
- GILLER, Ken E. *et al.* Regenerative agriculture: an agronomic perspective. **Outlook on Agriculture**, v. 50, n. 1, p. 13-25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0030727021998063>.
- GOSNELL, Hannah; GILL, Nicholas; VOYEUR, Michelle. Transformational adaptation on the farm: processes of change and persistence in transitions to “climate-smart” regenerative agriculture. **Global Environmental Change**, v. 59, p. 101965, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2019.101965>.
- HIDALGO, Gisele; DALMORO, Marlon; MONTICELLI, Jefferson Marlon. Empreendedorismo institucional na formação de novos mercados: transferência das lógicas da biodinâmica para práticas de mercado. **Organizações Rurais; Agroindustriais**, v. 25, p. e1960-e1960, 2023. DOI: <https://doi.org/10.48142/2023CDMA1960>.
- JEANNERET, Ph *et al.* Agroecology landscapes. **Landscape Ecology**, v. 36, n. 8, p. 2235-2257, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10980-021-01248-0>.
- KERR, Rachel Bezner *et al.* Agroecology as a transformative approach to tackle climatic, food, and ecosystemic crises. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 62, p. 101275, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2023.101275>.
- KERR, Rachel Bezner *et al.* Can agroecology improve food security and nutrition? **A review**. **Global Food Security**, v. 29, p. 100540, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gfs.2021.100540>.
- LEITE, Andressa Beatriz; POLLI, Henrique Quero. Agricultura orgânica no Brasil com enfoque na agricultura biodinâmica. **Revista Interface Tecnológica**, v. 17, n. 1, p. 417-430, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31510/infa.v17i1.787>.

MACIEL, Mitali Daian Alves; TROIAN, Alessandra; DE OLIVEIRA, Sibele Vasconcelos. Da mobilização dos mercados digitais ao fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização: a estratégia de reprodução social da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento-RS (Brasil). **Contextualizaciones Latinoamericanas**, v. 1, n. 30, 2024. DOI: <https://doi.org/10.32870/cl.v1i30.8036>.

MARTINS, Peluzio Ferreira *et al.* Educação do campo e geografia: diálogos com a agroecologia. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 22, n. 2, p. e3510-e3510, 2024.

MENDES, Cecilia Mitie Ifuki; DEMATTÊ FILHO, Luiz Carlos; GAMEIRO, Augusto Hauber. Incorporating sustainability in the food supply chain: the development of a private standard of Nature Farming poultry production in Brazil. **Research in Globalization**, v. 8, p. 100185, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.resglo.2023.100185>.

REMPELOS, Leonidas *et al.* Integrated soil and crop management in organic agriculture: a logical framework to ensure food quality and human health? **Agronomy**, v. 11, n. 12, p. 2494, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/agronomy11122494>.

REMPELOS, Leonidas; KABOURAKIS, Emmanouil; LEIFERT, Carlo. Innovative organic and regenerative agricultural production. **Agronomy**, v. 13, n. 5, p. 1344, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/agronomy13051344>.

RIBEIRO, Rodrigo Rudge Ramos; SIEBER, Stefan; CHEVELEVE, Michelle. Desafios compartilhados na agricultura: visões na Alemanha e no Brasil. **AgroANALYSIS**, v. 44, n. 1, p. 20-21, 2024.

SANDS, Bryony *et al.* Moving towards an anti-colonial definition for regenerative agriculture. **Agriculture and Human Values**, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10460-023-10429-3>.

SCARBOROUGH, Peter *et al.* Vegans, vegetarians, fish-eaters and meat-eaters in the UK show discrepant environmental impacts. **Nature Food**, v. 4, n. 7, p. 565-574, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s43016-023-00795-w>.

SEYMOUR, Madison; CONNELLY, Sean. Regenerative agriculture and a more-than-human ethic of care: a relational approach to understanding transformation. **Agriculture and Human Values**, v. 40, n. 1, p. 231-244, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10460-022-10350-1>.

SOUZA, Gabrielly Merlo. “É agrofloresta, não é conservacionismo”: as paisagens biossociais da permacultura. **RURIS (Campinas, Online)**, v. 14, n. 1, p. 107-132, 2022. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v14i1.17029>

VITÓRIA, Tayná; DO VALE, Raquel de Matos Cardoso. Conceitos da agroecologia tropical para uma agricultura sustentável: o caso da Região Agroexportadora do Oeste da Bahia. **Sustentabilidade: Diálogos Interdisciplinares**, v. 4, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24220/2675-7885v4e2023a7430>.